

## APRESENTAÇÃO

### METODOLOGIA DAS INCUBADORAS: EPISTEMOLOGIAS POPULARES O INTERVENÇÃO POLÍTICA?

Quando Pablo Casals tinha oitenta anos, um jovem estudante perguntou-lhe porque continuava a praticar. “Por que?” respondeu Casals. “É simples. É porque quero tocar melhor”.

“A lenda é sobre a deusa Eos (Aurora), que se apaixonou por um mortal, Titano, príncipe de Troia. Sabendo-se imortal, Eos queria viver com ele e amá-lo para sempre. Imbuída deste sentimento, a deusa implorou a Zeus que fizesse com que seu amado se tornasse imortal. Zeus atendeu ao desejo de Eos e agraciou Títono com a vida eterna. Entretanto, o Don de Zeus não incluiu as outras condições desfrutadas pelos deuses gregos, a saber, a juventude e a vitalidade eternas. Então, apesar da imortalidade, Títono envelheceu como um ser humano comum: ficando cada vez mais frágil e, embora seu corpo continuasse vivo, sua mente morreu. Com muita dor no coração, Eos decidiu transferir o antigo amante para um quarto separado, aonde de acordo com a lenda, ele vegetou para sempre”

Arranco a apresentação da REVISTA ACADÊMICA PROCOAS – AUGM – Nº 1, ano 4 com duas as observações acima. Elas foram a minha estratégia para sensibilizar o leitor a prestar atenção ao fato de que todo trabalho supõe uma metodologia que tem por base um diálogo entre práticas concretas e idéias; que esse diálogo evolui para o estabelecimento de hábitos prolongados, que por sua vez criam um ritmo entre a solução de problemas e a detecção de problemas.

A comparação se faz necessária para que os leitores decidam quais metodologias podem ser replicadas devem ser estimuladas, quais caducam e/ou ficam obsoletas, visto que elas exploram diferentes dimensões: de um jeito específico de fazer incubação de projetos sócio/econômicos promovidos pelas Universidades.

As observações de arrancada, são, pelo menos, meu ponto de partida na tentativa de entender que os textos que seguem buscam responder a perguntas simples: Por quê? Como?

Dito de outra maneira, se trabalho acadêmico (metologia), saber e poder estão intrinsecamente relacionados, influenciando tanto a produção de conhecimentos quanto os objetivos, conteúdos e metodologias definias nos projetos de incubadoras populares. Então se faz necessário explicitar quais são os elementos constitutivos da proposta metodológica.

As duas observações de arrancada servem de artifício metafórico para apresentar este conjunto de artigos que tem como cerne as questões da metodologia de incubação universitária.

A razão de ser de um coletivo, como das – incubadoras tecnológicas de cooperativas populares (ITCP's) - é repensar constantemente a sua temática que lhe dá sentido. Qual é a sua utilidade? Seus temas tem existência real ou é pura fantasia narcisista de seus integrantes?

As respostas, assim como as duas metáforas de arrancada, podem remeter a múltiplas leituras, mas as perguntas continuam. Por quê? Como?

Porque assumimos com responsabilidade individual e coletiva a convicção de que é possível e necessário re-pensar o mundo do trabalho? dos movimentos sociais? da educação?

Por que é imprescindível criticar a fundo e sem complacências as formas e métodos com que se produz o conhecimento? Identificando nos métodos suas virtudes e evidenciando suas carências e deficiências?

Porque um coletivo comprometido com a ação coletiva, com a excelência tem por finalidade demonstrar que a vida pode ser infinitamente melhor.

Os métodos podem ser múltiplos, mas as metodologias representam o instrumento pelo qual o sujeito expressa uma identidade; ao dar materialidade elas trazem à tona o questionamento e a reflexão daquele que a propõe.

Marx em o Método da Economia Política em 1857 já dizia “ o concreto é concreto porque é síntese de múltiplas determinações, isto é, unidade no diverso. Por isso, o concreto aparece no pensamento como processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida, ainda que seja o ponto de partida efetivo e, portanto, o ponto de partida também da intuição e da representação (...) as abstrações conduzem à reprodução do concreto por meio do pensamento. (...) o método que consiste em elevar-se do abstrato ao concreto não é senão a maneira de proceder do pensamento para se apropriar do concreto, para reproduzi-lo com concreto pensado. Mas este não é de modo nenhum o processo de gênese do próprio concreto” ( Marx, introdução de 1857 (III) O método da Economia Política)

Assim sendo, conhecer a proposta daquele que escreve permite identificar sua forma de agir, de ser, de estar no mundo, a maneira como estabelece relações com as pessoas e objetos.

Os artigos aqui apresentados traduzem experiências; nelas são relatados os ingredientes imprescindíveis para a compreensão da própria vida, pois aqueles que escrevem não estão à margem da sociedade e fazem parte de um contexto histórico.

O presente número está organizado da seguinte maneira:

O título já insinua sua intencionalidade busca insinuar que método se opõe à fragmentação, ao imediato. Na prática se transforma no único meio pelo qual percebemos o mundo, interagimos com ele e tentamos entendê-lo, dependendo dos pressupostos ideológicos teórico.

Mas os métodos não são inocentes, não são gratuitos eles muito mais do que uma estratégia técnica, eles traduzem um posicionamento político. E é exatamente isto que buscamos apresentar.

Na primeira seção desta edição abre a revista o artigo intitulado A ITCP E A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO COMO FERRAMENTA PARA O DESENVOLVIMENTO DE COMUNIDADES que tem por autores o coletivo ITCP da Universidade Federal do Paraná Brasil (DANTE LUIZ ZECH/FRANCIANE PRÉZA MARTINS/KAUANY THAIS NOGUEIRA DA SILVA/LEANDRO MARCONDES CARNEIRO/MARLENE SCHÜSSLER D'AROS e DENYS DOZSA). Neste texto os autores apontam que está na articulação de saberes acadêmicos e populares a entrada epistêmica para pensar o desenvolvimento de comunidades e o protagonismo dos grupos incubados.

O segundo texto intitulado - A CONSTRUÇÃO COLETIVA DE UM PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO - COLETIVO DE FORMADORES proposto pela Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Unicamp demonstra como o resultado de um esforço coletivo traz teoria, princípios e métodos que fundamentam uma prática da Incubadora que tem nos conceitos-chave – experiência e autogestão – os elementos para a construção do conhecimento e da intervenção transformadora.

O terceiro texto FORMAÇÃO, EXPERIÊNCIA E POLÍTICA: AS INCUBADORAS DE COOPERATIVAS POPULARES COMO RESISTÊNCIA NA UNIVERSIDADE CONTEMPORÂNEA de Denizart Fazio, da Itcp- USP, faz um percurso teórico a partir de Walter Benjamin, Kant, Gadamer e Hannah Arendt buscando explicitar que na compreensão do conceito – experiência – os limites e possibilidades da atuação/trabalho da incubadora popular da universidade.

O quarto artigo, A ECONOMIA SOLIDÁRIA E A ITECSOL/UNIJUÍ: PRODUÇÃO E INTERLOCUÇÃO DE CONHECIMENTOS. de Jaqueline S. M. Roberto; Nadia Scariot e Ieda Zimmermann da UNIJUÍ – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul utiliza a estratégia do relato (historiar as diferentes etapas e metodologias que o projeto venceu) como recurso analítico para evidenciar a lógica de um processo de incubação baseado no papel educativo das experiências associativas, na qual a cooperação é possibilidade para materializar que está nas aprendizagens coletivas a contribuição da extensão universitária.

Na Seção II: EXPERIÊNCIAS, abre o artigo “INCUBAÇÃO EM ASSENTAMENTO DE REFORMA AGRÁRIA: LIMITES E AVANÇOS NO ASSENTAMENTO PAULO DE FARIA (PRATA-MG) de Cristiane Betanho (CIEPS/FAGEN/UFU), Renato Kamimura (CIEPS). O texto, busca traduzir os resultados de um pesquisa exploratória e refletir sobre os processos de incubação e nele os desdobramentos capacitação-produção-comercialização.

O sexto artigo, ECONOMÍA SOLIDARIA E INNOVACIÓN SOCIAL EN EL HORIZONTE DEL CAMBIO CLIMÁTICO. CAMINO DE RUTA DE UN PROYECTO DE INVESTIGACIÓN de Josefina Cendejas Guízar da Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo identificar, dentro del campo teórico y las realizaciones prácticas de la economía solidaria, la existencia de rasgos innovadores relacionados con formas de organización socioeconómica y que esta en la creación de redes, mercados, moneda social la posibilidad de pensar procesos de intervención social para aumentar las capacidades de adaptación las poblaciones más vulnerables.

O sétimo artigo faz um giro teórico quando apresenta a Teoria Economia da Inovação como um dos elementos para compreender as potencialidades e limites à emergência de inovações econômicas, sócio-organizacionais e institucionais, no campo da Economia Solidária. O artigo produzido por Rosinha Machado Carrion, Liana Carleial e Pedro de Almeida Costa intitulado DESAFIOS E PERSPECTIVAS ECONOMICO INSTITUCIONAIS PARA UM AMBIENTE INOVADOR EM ECONOMIA SOLIDÁRIA: ESTUDO DO CASO DAS REGIÕES METROPOLITANAS DE PORTO ALEGRE E CURITIBA busca fazer aquilo que os autores chamam de desnudamento do processo de naturalização das desigualdades intrínseco ao imaginário da sociedade brasileira.

O último artigo, POLÍTICAS PÚBLICAS E ECONOMIA SOLIDÁRIA NO PIAUÍ: COMPREENDENDO O LUGAR E O PAPEL DAS MULHERES NOS EMPREENDIMENTOS de Naiara de Moraes e Silva, Oriana Chaves de Oliveira Paz e Solimar de Oliveira Lima traz a questão de gênero buscando explicitar o lugar e o papel das mulheres, isto é, de que forma na dinâmica social na economia solidaria é possível ou não identificar uma economia feminina.

É verdade, metodologias insinuam que as causas não sempre imediatamente anteriores aos efeitos ou então intimamente próximas a elas e...que manifestam um não-saber, isto é, que nelas há uma dificuldade muito grande em lidar com a subjetividade (sentimentos intuição, emoção) e com a dimensão qualitativa da vida).

Os artigos deste número buscam renovar o olhar e colocar em outras molduras analíticas aquilo que já conhecemos. A experiência de mapear os processos de trabalho das Incubadoras Universitárias e suas práticas extensionistas permite indicar relevâncias, caminhos e percursos que podem (a critério do leitor) ampliar a rede de significados dos termos incubação, metodologia, assim como dos fazeres individuais e coletivos.

Segundo os autores percebe-se que só uma re-sensibilização plena daquilo que entendemos por processo de extensão universitária pode nos indicar os caminhos para a fruição do pensar in-novadoramente os cânones da metodologia usualmente utilizada pelas incubadoras.

Para finalizar, os textos apresentados são artigos que foram selecionados do III Congresso da Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares e I Simpósio Internacional de Extensão Universitária em Economia solidária sob a consigna “ Universidade e Economia Solidária: Produção de conhecimento, cenário de desenvolvimento e o lugar das Tecnologias Sociais realizado em 2011 em Porto Alegre – Brasil.

Todos os artigos insinuam que por mais que as incubadoras seja mecanismos ou instrumentos operacionais da lógica universitária e atendam a certos imperativos da burocracia institucional das Universidades, estes imperativos não travam o ato reflexivo, ao contrário, eles apontam para outras tarefas a serem assumidas pelos coletivos cooperativos: à construção de uma rede ou a sua integração em uma rede mais ampla ( como aquela que o Comitê Procoas da AUGM propõe ) de modo a explicitar as contradições que deixam entrever o movimento da sociedade e a necessidade da Universidade transpor os muros do isolamento acadêmico.

Por isso, leitor: bom proveito! Que a leitura lhe deixe inquieto, comprometido, assim como os autores destes textos.

Paulo Albuquerque

Comitê editorial.